

Fazenda Cantagalo

De comerciante a fazendeiro de café

Com a vinda de d. João VI para o Brasil e, mais especificamente, com a instalação da corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, muitas famílias de abastados comerciantes lusitanos e aventureiros em busca de riqueza decidiram tentar a vida no país, fazendo do comércio uma das principais atividades exercidas por esses imigrantes em nosso território.

É difícil precisar quando Manoel Pereira Terra aportou no Rio, mas pela fortuna que acumulou aqui e pelo grande número de imóveis que possuía ao morrer em 1841, como mostra seu inventário post-mortem, podemos imaginar que tenha chegado ao Brasil no início do século XIX.

Na relação dos bens arrolados em seu inventário, constam cerca de cinquenta imóveis: na vila de Valença, possuía 17 casas na rua do Areal, e no Rio de Janeiro, 16 casas na rua das Flores, atual rua de Santana; 13 na rua Nova do Conde, hoje rua Frei Caneca; dois armazéns na rua do Sabão, antiga rua General Câmara, que não existe mais, e três casas na rua do Catete. Com todas essas propriedades urbanas, Manoel Pereira Terra deve ter sido um grande comerciante da cidade do Rio, e por constarem dois armazéns entre seus bens, é possível que se tratasse do que outrora se chamava "armazém de secos e molhados", estabelecimento que vendia de roupas a ferramentas, passando por gêneros alimentícios.

38

Mas como e quando este homem de perfil tão urbano decidiu tornar-se fazendeiro de café? Talvez na mesma ocasião em que tantos outros comerciantes de grosso trato da corte do Rio de Janeiro resolveram empreender em grandes latifúndios. Provavelmente, Manoel foi atraído pelo sucesso e

pelo grande rendimento que as lavouras de café davam a outros cidadãos, que ele certamente, como comerciante, conhecia.

Foi então que comprou as sesmarias que antes pertenciam a Alexandre Manoel de Lemos que havia fundado a fazenda Campo Alegre. Foi lá também que, bem mais tarde, o neto de Manoel, barão de Vista Alegre, estabeleceu a fazenda da Chacrinha, onde havia sido sesmeiro Joaquim José dos Santos, que já foi motivo de matéria em nossa revista, e, por fim, adquiriu outra sesmaria, da qual não se conhece o primeiro proprietário, onde fundou a fazenda Cantagalo, além de outra, situada na serra do Engenho Novo, que tinha 50 mil pés de café e 39 escravos.

Quando Manoel Pereira Terra morreu, em 1841, seus dois filhos fizeram partilha amigável, de modo que a Manoel Pereira de Souza Barros couberam as duas sesmarias da então fazenda Campo Alegre, com 118 mil pés de café, e mais de 240 escravos e alguns imóveis na corte. E seu outro filho, Antonio Pereira de Souza Barros, recebeu como legado a fazenda de Cantagalo, com 80 mil pés de café, 80 escravos, muitos animais e diversos imóveis urbanos.

É provável que nesta ocasião a fazenda Cantagalo ainda não tivesse uma casa de morada condizente com o padrão de vida de Antonio.



Assim, ele mandou construir a bela sede que pode ser vista ainda hoje e sustenta, no alto do frontispício, um medalhão com o ano de 1858. Esta data não só pode representar o término da construção da casa, como registra o período áureo da produção de café no Vale do Paraíba fluminense, em especial em Valença, onde se encontra a fazenda.

Diz-se que Antonio nasceu naquela cidade em 30 de maio de 1815, filho de Manoel Pereira Terra e dona Carlota Maria de Souza Barros, e se casou com dona Rita Victorina Nunes, filha de Matheus José Nunes e dona Rita Victorina de Cássia Nunes, todos oriundos de Portugal e donos de muitas terras na região do Engenho Novo.

Antonio foi o primeiro na família a ser agraciado com um título de nobreza. Por decreto de 4 de outubro de 1876, tornou-se barão do Engenho Novo, uma referência ao bairro carioca onde tinha propriedades.

Com Antonio, a fazenda Cantagalo alcançou grande prosperidade, e é provável que ele tenha dividido suas atividades comerciais com as de fazendeiro, assim como fez seu tio, o barão de Vista Alegre, agraciado com este título por decreto de 17 de dezembro de 1881.

Em 12 de outubro de 1884, morreu o barão do Engenho Novo e, dois anos mais tarde, a fazenda foi a leilão para saldar dívidas. Nessa ocasião, ela possuía 445 mil pés de café e o número de escravos ultrapassava 140. A partir de então, a fazenda chega às mãos de Adolpho Teixeira Magalhães, que arremata a propriedade em um leilão em 1889. Já no século XX, passa para a família de Carlos Queiros, e hoje pertence ao seu filho Ricardo Carvalho Queiros.

Como aconteceu com a fazenda Cantagalo, as atividades que fizeram a riqueza da maioria dos grandes comerciantes e fazendeiros não permaneceram em suas famílias para além de seus netos, mostrando que a cafeicultura no Vale do Paraíba foi, realmente, um ciclo que marcou a economia fluminense, mas terminou em poucas gerações. €

